

A venda de garrafas de água: reflexões no âmbito da Educação Financeira com pessoas jovens, adultas e idosas

The sale of water bottles: reflections within the scope of Financial Education with Young, Adult and Elderly people

Jonson Ney Dias da Silva¹
Gerson dos Santos Farias²
Lucas Carato Mazzi³

Resumo: O estudo visa analisar as percepções sobre a Educação Financeira (EF) em uma turma do Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA)/Campo Limpo, situado na Zona Sul da cidade de São Paulo. Como referenciais teóricos, consideramos estudos que ampliam a Educação Financeira para além dos cálculos matemáticos, incentivando reflexões críticas. Ainda, assumimos autores no contexto da Educação Matemática com Pessoas Jovens, Adultas e Idosas, que defendem a importância política. Assumindo uma abordagem qualitativa, realizamos entrevistas, observações, gravações de vídeos das aulas e diário de campo em uma turma de 30 educandos. Os resultados destacam a problematização e a análise crítica no âmbito financeiro, bem como as implicações sociais e políticas para a vida financeira pessoal e coletiva.

Palavras-chave: Educação de jovens, adultos e idosos. Educação Financeira. Educação Matemática.

Abstract: The study aims to analyze perceptions of Financial Education within a class at the Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA)/Campo Limpo, located in the southern zone of São Paulo. Theoretical references include studies that address Financial Education beyond mathematical calculations, encouraging critical reflections. Additionally, we draw on authors in the context of Mathematics Education for Young, Adult, and Elderly People, who advocate for the importance of this policy. Adopting a qualitative approach, we conducted interviews, observations, video recordings of classes, and a field diary in a class of 30 students. The results highlight the process of problematization and critical analysis in the financial sphere, as well as the social and political implications for personal and collective financial life.

Keywords: Education of young people, adults, and the elderly. Financial Education. Mathematics Education.

1 Introdução

A Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EPJAI) é um campo essencial para a promoção da inclusão e da igualdade social, que surge como movimento político, a partir dos desdobramentos da modalidade de ensino da Educação de Jovens e Adultos (EJA), por isso adotamos o termo EPJAI. Segundo Brasil (2002), essa modalidade de ensino tem como objetivo proporcionar às pessoas que não tiveram acesso à educação formal na idade apropriada a oportunidade de retomarem seus estudos e completarem a educação básica. A EPJAI é

¹ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) • Vitória da Conquista, Ba — Brasil • ✉ jonson.dias@uesb.edu.br • ORCID <https://orcid.org/0000-0002-9575-2648>

² Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) • Vitória da Conquista, Ba — Brasil • ✉ gerson.farias@uesb.edu.br • ORCID <https://orcid.org/0000-0002-5941-8095>

³ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” • Rio Claro, SP — Brasil. ✉ lucas.mazzi@unesp.br • ORCID <https://orcid.org/0000-0003-3395-3724>

assegurada desde 1988 pela Constituição Brasileira:

A Constituição Federal do Brasil/1988 incorporou como princípio que toda e qualquer educação visa o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (CF. Art. 205). “I – ensino fundamental obrigatório e gratuito, assegurada inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria.” (CF. Art. 208). Retomado pelo Artigo 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9.394/96, este princípio abriga o conjunto das pessoas e dos educandos como um universo de referência sem limitações (Brasil, 1988).

Entretanto, só foi instituída legalmente como modalidade de ensino, na educação básica, em 1996, com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394/96 que em seu art. 37 define que, “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria” (Brasil, LDB 9.394/96, 1996). Além disso, essa modalidade surgiu como medida emergencial com a finalidade de garantir o direito à educação de qualidade em menos tempo do que o ensino convencional.

A EPJAI atende um público diversificado, composto por jovens, adultos e idosos, com idades variando entre 15 e 70 anos ou mais. Essa ampla faixa etária reflete a diversidade de experiências e necessidades presentes nas salas de aula, criando um ambiente rico em trocas intergeracionais. Jovens que retornam aos estudos trazem consigo a energia e a contemporaneidade das novas gerações, enquanto adultos e idosos compartilham sua vasta experiência de vida, suas histórias e sabedoria acumulada. Essa convivência entre diferentes faixas etárias permite um aprendizado mútuo, onde cada grupo contribui com sua perspectiva única, enriquecendo o processo educativo.

Além disso, a EPJAI abrange uma variedade de perfis socioeconômicos e culturais. Atende trabalhadores que buscam melhorar suas qualificações profissionais, donas de casa que desejam retomar a educação interrompida, pessoas em situação de vulnerabilidade social que veem na educação uma oportunidade de mudança de vida entre outros. Ou seja, é um público formado, segundo Silva (2020, p. 24) por “[...] trabalhadores proletários, desempregados, donas de casa, pessoas com necessidades especiais, privados de liberdades, indígenas, afrodescendentes, imigrantes, entre outros, de diferentes culturas, etnias, religiões, crenças, que constituem abrangentes formas de ser, de viver, de pensar e de agir”.

Esse mosaico de vivências e aspirações torna o ambiente educacional dinâmico e plural, demandando uma proposta de trabalho, que atende a uma diversidade de perfis, incluindo trabalhadores, donas de casa, pessoas em situação de vulnerabilidade social entre outros. Esses educandos, “[...] como detêm conhecimentos amplos e diversificados, podem enriquecer a abordagem escolar, formulando questionamentos, confrontando possibilidades, propondo alternativas a serem consideradas” (Brasil, 2002, p. 15). Essa rica bagagem de experiências de vida enriquece o ambiente educacional e possibilita uma troca de conhecimentos valiosa entre estudantes e educadores e, isso, evidencia a experiência como matéria-prima para a construção de uma educação emancipadora, que possibilite a ampliação do repertório de leitura, escrita e interpretação de mundo.

Assim, a modalidade deve proporcionar aos educandos jovens, adultos e idosos, a oportunidade de apresentar e discutir suas maneiras próprias de resolver problemas, de organizar e analisar uma situação, de criar conceitos ou procedimentos. Ou seja, deve explorar e discutir os conhecimentos dos educandos que foram adquiridos em diversas instâncias da vida

social e cultural, desenvolvidos em função das demandas do mundo adulto no seu contexto.

Essa perspectiva, além de contribuir para a formação acadêmica, desempenha um papel fundamental na formação cidadã. Ao adquirir conhecimentos e habilidades, os educandos passam a ter melhores condições de participar ativamente da sociedade, exercer seus direitos e deveres e buscar melhores oportunidades no mundo de trabalho. É importante destacar que a expressão "mundo do trabalho" não deve ser confundida com "mercado de trabalho", este último voltado para a formação de "mão de obra barata".

Vale ressaltar que, na educação voltada para o mercado de trabalho, a formação do indivíduo tem um caráter meramente mercadológico, com uma perspectiva imediatista, onde os resultados precisam ser obtidos a curto prazo. Em outras palavras, o desenvolvimento humano passa a ser concebido para atingir números, desconsiderando o contexto social, as interferências culturais e políticas, e sem uma ação efetiva de emancipação (Oliveira & Almeida, 2009).

Os educandos jovens, adultos e idosos não podem ser privados de uma formação que possibilite o desenvolvimento pleno de suas capacidades e a emancipação social. Segundo Freire (2000), a educação deve ser um ato de liberdade, um processo em que os educandos são sujeitos ativos em sua própria aprendizagem, e não meros receptores passivos de conhecimento.

Freire (2000) argumenta que a educação deve ser dialógica, ou seja, baseada no diálogo entre educador e educando, na qual ambos aprendem e ensinam mutuamente. Essa perspectiva é fundamental para a EPJAI, pois reconhece e valoriza as experiências de vida dos educandos, permitindo que essas vivências sejam integradas ao processo educativo. Ao trazer suas histórias de vida, conhecimentos e questionamentos para a sala de aula, os educandos contribuem para a construção coletiva do saber, enriquecendo o ambiente educacional e tornando-o mais significativo e relevante.

A EPJAI, nessa perspectiva, busca criar um espaço onde a educação seja um instrumento de transformação social. Os educandos, ao se apropriarem de conhecimentos e habilidades, não apenas aumentam suas oportunidades no mundo de trabalho, mas também se tornam mais conscientes de seus direitos e deveres como cidadãos. Essa conscientização crítica (Freire, 2000) é essencial para que possam participar ativamente da sociedade, questionando e transformando as estruturas que perpetuam a desigualdade e a exclusão.

A prática pedagógica na EPJAI deve, portanto, ser baseada em uma abordagem problematizadora, que estimule o pensamento crítico e a reflexão sobre a realidade. Sobre isso, Freire (2000) defende que a educação deve partir da realidade concreta dos educandos, abordando temas e questões que são significativas para eles. Essa proposta não apenas facilita a compreensão dos conteúdos, mas também fortalece a autonomia e a capacidade de agir sobre o mundo.

No contexto das aulas de Matemática, Silva (2020) entende o ensino como uma ação educativa voltada para indivíduos com escolarização básica incompleta ou jamais iniciada, que retornam ao contexto escolar na idade adulta ou na juventude (Fonseca, 2012). Considerando que "[...] a educação autêntica, repitamos, não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo" (Freire, 2000, p. 97), ele acredita que o trabalho com a Matemática na sala de aula da EPJAI deve ser promovido por uma ação conjunta entre educadores e educandos, mediada pelo mundo.

Nesse sentido, Silva (2020) compreende a necessidade de uma Educação Matemática com Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EMPJAI), baseada no diálogo, na escuta e mediada pelo mundo dos educandos. Essa abordagem valoriza as experiências de vida dos educandos, e convida-os para participarem da apropriação do conhecimento, reconhecendo que eles trazem

consigo conhecimentos prévios e uma rica bagagem cultural que podem enriquecer o processo de ensino-aprendizagem.

Dentro dessa abordagem, Silva (2020) ainda destaca que um ensino de Matemática eficaz para este público deve ser construída a partir de um diálogo constante entre educadores e educandos. Esse diálogo não é apenas uma troca de informações, mas um processo de construção conjunta do conhecimento, onde as dúvidas, inquietações e experiências dos educandos são consideradas e respeitadas. O educador e os educandos, nesse contexto, atuam como protagonistas do processo mediados pelo mundo, facilitando a relacionarem os conceitos matemáticos com suas realidades cotidianas.

Frente ao exposto, a presente escrita tem como objetivo analisar as percepções sobre a Educação Financeira (EF) em uma turma do Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA)/Campo Limpo, situado na Zona Sul da cidade de São Paulo. Para tal, discutiremos, inicialmente, sobre a Educação Financeira no âmbito da Educação Matemática de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas. Na sequência, apresentamos aspectos que suportam a pesquisa metodologicamente, assim como elencamos os procedimentos metodológicos utilizados. A partir de autores da área, a seguir, refletimos sobre os dados produzidos e encerramos o texto com algumas considerações finais.

2 Educação Financeira no contexto da EMPJAI

Nessa perspectiva da EMPJAI, a EF surge como uma proposta de trabalho que pode promover um ambiente de aprendizagem onde os educandos e educadores possam discutir conhecimentos matemáticos, bem como desenvolver habilidades práticas e essenciais para a vida cotidiana de maneira crítica. Segundo Silva e Silva (2024, p. 3 e 4), a EF:

[...] resulta de ações interdisciplinares que promovem a compreensão e a reflexão crítica sobre o universo financeiro. Essa compreensão contribui para a construção de uma sociedade mais igualitária, tanto do ponto de vista socioeconômico quanto social. Considerando que jovens, adultos e idosos estão totalmente inseridos nesse contexto, é essencial entender como a EF pode fomentar o desenvolvimento do pensamento crítico em uma turma da EPJAI.

Para Baroni (2021), o trabalho com EF no contexto escolar geralmente está associado à organização e ao planejamento das finanças pessoais ou familiares, bem como à gestão, numa visão mais individualista de proteção do dinheiro. No entanto, pensando que no contexto da EMPJAI, a EF pode promover ações e diálogos críticos sobre o contexto social, financeiro e econômico dos indivíduos, visando melhorar a qualidade de vida das pessoas e da sociedade em que vivem (Hartmann, 2021). Ou seja, compreendemos a importância de refletir sobre uma EF que promova a criticidade e a racionalidade dos educandos jovens, adultos e idosos, auxiliando-os a resolver problemas do contexto ao qual pertencem.

A esse respeito, Lima e Mazzi (2021) defendem que a EF, se trabalhada numa perspectiva problematização e crítica, tem potencial para refletir e questionar o sistema neoliberal posto, assim como ser uma ferramenta na luta pela dignidade dos sujeitos e das comunidades. Nessa direção, Mazzi e Baroni (2021) argumentam que a EF precisa se preocupar com a justiça social, rompendo com os interesses da elite econômica dominante, em prol de uma equidade social, econômica e cultural.

Com o intuito de elaborar uma proposta curricular para a EF na Educação Básica, Silva e Powell (2013), organizaram a temática em quatro eixos, que dialogam entre si e formam um

corpus amplo para se enxergar a EF (Quadro 1).

Quadro 1: Proposta curricular de Educação Financeira

<p>I – Noções básicas de Finanças e Economia</p> <p>Nesse eixo os temas de discussão são, por exemplo, o dinheiro e sua função na sociedade; a relação entre dinheiro e tempo; as noções de juros, poupança, inflação, rentabilidade e liquidez de um investimento; as instituições financeiras; a noção de ativos e passivos e aplicações financeiras.</p>	<p>II – Finança pessoal e familiar</p> <p>Nesse eixo serão discutidos temas como: planejamento financeiro; administração das finanças pessoais e familiares; estratégias para a gestão do dinheiro; poupança e investimento de finanças; orçamento doméstico; impostos.</p>
<p>III – As oportunidades, os riscos e as armadilhas na gestão do dinheiro numa sociedade de consumo</p> <p>Nesse eixo serão discutidos temas como, por exemplo: oportunidades de investimento; os riscos no investimento do dinheiro; as armadilhas do consumo por trás das estratégias de <i>marketing</i> e como a mídia incentiva o consumo das pessoas.</p>	<p>IV – As dimensões sociais, econômicas, políticas, culturais e psicológicas que envolvem a EF</p> <p>Nesse eixo serão discutidos temas como consumismo e consumo; as relações entre consumismo, produção de lixo e impacto ambiental; salários, classes sociais e desigualdade social; necessidade x desejo; ética e dinheiro.</p>

Fonte: Elaborado a partir de Silva e Powell (2013, p. 14)

Nota-se, nessa proposta, preocupações que atravessam diferentes dimensões, desde a organização pessoal e familiar, passando por discussões de tópicos da economia, até questionamentos acerca do trabalho, da consciência de classe, da desigualdade social e dos impactos do consumismo ao meio ambiente. Entendemos que estudantes da EPJAI têm o direito de ter acesso a essas discussões, de modo que elas contribuam com uma leitura de mundo (Freire, 2000).

3 Metodologia

Para este estudo, optamos por uma abordagem qualitativa, já que o objetivo é analisar um determinado fenômeno em seu ambiente natural (Denzin; Lincoln, 2005). Genericamente, pode-se compreender uma pesquisa qualitativa como uma atividade situada, que localiza o observador no mundo, composta de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade a esse contexto (Denzin & Lincoln, 2005).

A produção de dados⁴ foi realizada nas aulas de uma turma dos Ensaios Lógicos e Artísticos (ELA), que abrangem as áreas de Matemática e Artes do Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA)/Campo Limpo, situado na Zona Sul da cidade de São Paulo. A escolha desse contexto se deve ao fato de nas turmas do ELA ter trabalho baseado na perspectiva da EMPJAI, ou seja, uma ação conjunta entre educadores e educandos, mediada pelo mundo. A turma participante da pesquisa era formada por 30 educandos, 11 homens e 19 mulheres (cisgêneros ou transgêneros), com faixa etária de 17 a 60 anos, sendo a maioria acima de 30 anos. Esses educandos eram trabalhadores; parte deles trabalhava na madrugada e, depois

⁴ Foram tomados todos os cuidados éticos durante o desenvolvimento da investigação, dessa forma, a pesquisa está de acordo com as normas e diretrizes de ética em pesquisa.

do trabalho, ia direto para a escola, enquanto outros entravam no serviço após o término da aula.

Como procedimentos de produção de dados, foram realizadas entrevistas, observações e gravações de vídeos das aulas. As observações ocorreram na turma mencionada e foram registradas em diários de campo, assim como nas filmagens das salas de aula da ELA, onde a educadora que ensina matemática estavam conduzindo atividades. A seguir, será apresentada um trecho de uma atividade desenvolvida em uma aula do ELA, a fim de se encaminhar em direção ao objetivo do artigo.

4 Venda de Garrafas de Água

A atividade realizada com os jovens, adultos e idosos do ELA tinha como objetivo trabalhar as transformações de números racionais. A educadora Maria Luiza distribuiu uma folha de ofício e pediu que os educandos construíssem uma tabela de três colunas escrito: fração, decimal e porcentagem. Na primeira coluna, deveriam colocar alguns números fracionários e, nas colunas seguintes, suas formas decimais e percentuais. Para ajudar os estudantes, a educadora desenhou a tabela na lousa, conforme mostra a Figura 1.

Figura 1: A educadora na lousa



Fonte: Acervo da Pesquisa

Em seguida, a Maria Luiza orientou os educandos a se reunirem em grupos para resolver a atividade proposta. Durante as observações, foi possível perceber a interação dentro dos grupos, com cada estudante apresentando sua própria maneira de resolver a atividade e discutindo com os colegas as propostas de como realizar as transformações solicitadas. Nesse momento, destaca-se a presença do trabalho coletivo dos educandos em sala de aula, caracterizado pelo diálogo e pela escuta ativa (Freire, 2000), o que foi fundamental para que pudessem escolher as melhores estratégias para preencher a tabela.

Dando continuidade, a educadora passou pelos grupos e observou que alguns educandos apresentavam dúvidas. Então, ela foi até a lousa e começou a explicar o que deveria ser realizado, utilizando como exemplo o valor $\frac{1}{4}$, que estava escrito na lousa. Para melhorar a compreensão dos educandos, ela desenhou um retângulo e o dividiu em quatro partes iguais. Em seguida, pintou uma das partes, explicando como a fração é representada em forma de desenho. Além disso, mostrou o processo para transformar $\frac{1}{4}$ em número decimal e, posteriormente, em forma percentual.

Durante essa explicação, a educadora Maria Luiza percebeu que a expressão de dúvida de alguns alunos permanecia. Então, ela chamou a atenção do estudante Valter e disse:

Maria Luiza: Deixa eu te perguntar uma coisa... Gente, vamos saber quem vai saber usar esse exemplo aqui que o Valter vai me ajudar a dá pra vocês.

Valter: Ixi, valeu.

Maria Luiza: Você está sabendo de nada, mas vai me ajudar a dá um exemplo pra vocês... O Valter, ele foi para manifestação esses dias aí. Não foi Valter?

Valter: Foi.

Maria Luiza.: E ele aproveitou a manifestação para ganhar um troco, certo?

Valter: Certinho.

Maria Luiza.: Ai, Valter me diz uma coisa.

Valter: Eu fui pro Lollapaloza⁵, eu fui pro Lollapaloza (risos)

Maria Luiza.: Você também, foi pro Lollapaloza? Então, eu vou usar o exemplo do Lollapaloza, porque eu acho que lá você cobrou mais caro (risos).

Valter: É nada.

Maria Luiza.: É nada?

Valter: Ganha mais dinheiro na Paulista⁶.

Maria Luiza: Oh, tá vendo... Diz uma coisa. Gente, só um minutinho, preste atenção aqui que vocês vão precisar disso aqui para resolver os problemas embaixo. O Valter foi vender água no Lollapolaza e nas manifestações. Isso aí! Tipo usa as oportunidades para ganha uma grana.

Valter: Mas tá todo mundo assim, professora.

Maria Luiza.: Tá! Eu também tô assim. Ô!

Valter: O metrô tá parecendo um... uma feira livre.

Maria Luiza.: Mas é o desemprego gente.

Valter: É! Tá todo mundo assim.

Maria Luiza: Aumenta o desemprego. E as pessoas tem que partir para alguma coisa pra poder colocar seu pão em casa... E Valter, me diz uma coisa. Por quanto você comprou... isso só entre nós tá?... a sua água?

Nos fragmentos, a educadora utiliza da vivência de um dos educandos, como exemplo para tentar esclarecer a dúvida dos demais sobre a transformação desenvolvida na lousa. No trecho acima, percebe-se que a Maria Luiza questiona o educando Valter, sobre seu trabalho de vendedor ambulante, com a finalidade de contextualizar as colocações que feitas posteriormente.

Na entrevista, ao ser questionada sobre como trabalhar com o ensino de Matemática, a educadora Maria Luiza afirmou que "[...] trabalha sempre partindo de uma situação problema, valorizando o conhecimento que eles têm dessa situação.... Então, eu sempre inicio a partir da vida deles e de como a matemática está presente ali. [...]". Com as declarações da educadora e as observações feitas na sala de aula, podemos destacar que as atividades matemáticas desenvolvidas na turma envolviam problemas reais, urgentes e essenciais nas práticas profissionais ou nas circunstâncias do exercício da cidadania vivenciadas pelos educandos jovens e adultos. Segundo Freire (2014), na educação de pessoas jovens, adultas e idosas, os conteúdos a serem ensinados não podem ser completamente estranhos ao cotidiano desses sujeitos, pois o que ocorre no meio popular, nas periferias das cidades, nos campos, na vida dos trabalhadores urbanos e rurais, não pode deixar de despertar interesse na sala de aula.

Outro ponto de destaque nesse trecho do diálogo, é a problematização e a crítica sobre o universo financeiro (Lima & Mazzi, 2021; Silva & Silva, 2024) também pode ser percebida na fala do Valter, quando menciona concorda com a educadora sobre o desemprego e afirma que “Tá todo mundo assim.” O educando se reconhece no mundo, percebendo a profundidade

⁵ Lollapalooza é um festival internacional de música alternativa que acontece anualmente na cidade de São Paulo/SP.

⁶ Avenida Paulista é um dos endereço mais importante da cidade São Paulo, pois é considerada um dos principais centros financeiros da cidade, assim como também um dos seus pontos turísticos mais característicos. A avenida revela sua importância não só como polo econômico, mas também como centralidade cultural e de entretenimento.

do nível de desemprego a sua volta, onde podemos notar a importância da EF como motor de transformação social, por conta da descriminalização de padrões e interesses da elite econômica dominante (Mazzi, Hartmann & Pessoa, no prelo).

Dando continuidade, o educando responde aos questionamentos feitos pela educadora:

Valter: Seis reais o fardo.

Maria Luiza: O fardo vem com 12.

Valter: 12.

Maria Luiza.: Então, você pagou 50 centavos.

Valter: E cada.

Maria Luiza: Em cada uma das garrafas de água. Por quanto, você vendeu?

Valter: Eu vendo a três reais. (Nesse momento, a turma se espanta com o valor cobrado)

Maria Luiza: Uauuuu... três reais.

Valter: E duas por cinco.

Maria Luiza: Então, ele vende vai... a unidade...

Valter: Três reais.

Neste trecho, observamos que a educadora Maria Luiza questiona o estudante sobre os valores relativos à quantidade de água mineral, bem como os valores de compra e revenda. Esses questionamentos levam o estudante a demonstrar como ele, através de suas práticas e conhecimentos sobre EF, analisa a situação e realiza os cálculos referentes à venda e revenda das águas. Esse momento exemplifica que através dos questionamentos da educadora, o educando é introduzido no universo financeiro e incentivados a desenvolver uma compreensão sobre finanças e economia. Esse processo tem como objetivo formá-los para analisar, realizar julgamentos fundamentados, tomar decisões e adotar uma postura crítica em relação às questões financeiras que impactam suas vidas pessoais, familiares e sociais, conforme aponta Silva e Powell (2013).

No trecho a seguir, a educadora utilizou os valores apresentando como as variáveis utilizadas para exemplificar a transformação de decimal para porcentagem:

Maria Luiza: A três reais. Pessoal, me diz uma coisa aqui? A quanto a mais, ele vendeu? Por quanto a mais ele vendeu? Em dinheiro.

Ana: 200

Valter: 2,50

Paloma: 200

Ana: 200

Pedro: 2,50

Joana: 2,50

Maria Luiza: Ele ganhou 200... 2,50, não é? Então, ele ganhou 2,50. Esse é o preço de lucro.

Educandos: É!!!

Maria Luiza: Se eu comparar o lucro em relação a quanto ele pagou. Se eu comparar o 2,50 com o 0,50 centavos que ele.

Ana: Vai ter 250 por cento de lucro.

Maria Luiza: Não! Divida aí (a educadora fala apontando para as calculadoras na mesa dos educandos). Vão saber o quanto que deu. Quanto que dá 2,50 dividido por 0,50 centavos?

A educadora Maria Luiza questiona os educandos qual seria o lucro da venda realizada pelo Valter. No primeiro questionamento, parte da turma responde em forma de porcentagem, considerando 200% de lucro, enquanto outra parte considera o valor em reais de 2,50. Nesse momento, o trabalho com as calculadoras em sala de aula, devido ao feedback rápido, proporcionou a participação dos educandos devido ao acesso rápido aos resultados solicitado por ele. Tal situação ampliou as possibilidades de atuação da turma no desenvolvimento de uma atividade. Em seguida, Maria Luiza, considerando os valores de 0,50 centavos da unidade da

garrafa e de 2,50 reais referentes ao lucro da revenda, questionou a turma o valor em porcentagem. Na sequência, Maria Luiza retornou para a frente da lousa e questionou os educandos sobre o valor solicitado referente ao lucro de revenda da garrafa de água:

Maria Luiza: Isso vai dá? 5... que em porcentagem é 500 por cento. Então, ele teve de lucro, lucro. Por que aqui eu tô comparando o lucro. Ele teve de lucro 500 por cento. Negócio, cara. Não vejo em lugar nenhum um lucro como esse.

Valter: Professora, mas é mesmo. Eu nunca tinha vendido água, mas viciei, é muito rápido e dinheiro...

Maria Luiza: Não sei se aposentar mesmo, pra que pagar a previdência (risos).

Valter: Eu levo 4 fardos, pois não aguento levar mais... se aguentasse eu levava mais.

Maria Luiza.: E vende rapidinho?! Não vende? Depois você fica curtindo... então, oh, observe que eu fiz aqui, eu comparei o que nós chamamos de razão, tá? Eu tô fazendo uma comparação, entre o lucro que ele está tendo em cada garrafinha, e por quanto ele comprou aquela garrafinha. Então, de 2,50 comparar com o que ele pagou 0,50. Se eu dividi 2,50 por 50 centavos vai dá cinco. Ou seja, ele tá ganhando cinco vezes o valor. O que cinco vezes em matemática? 500 por cento. Tá? Agora, vejam se conseguem fazer as transformações da lousa. Vamos lá?

Ao calcular o lucro da revenda da garrafa de água mineral pelo estudante Valter, a educadora Maria Luiza destaca que ele está realizando um bom negócio. Contudo, a educadora não aborda as questões relacionadas à logística da venda da água nem ao lucro obtido pelo estudante. Considerando que para realizar a venda da água, o estudante precisa se deslocar, dedicar tempo e contar com estrutura para conservar o produto, ela não deixa de valorizar o trabalho do estudante. Nesse momento, poderia ser destacado a venda de água mineral em um aeroporto, bares ou lanchonetes que possuem outra estrutura e um fluxo diferente, isso poderia suscitar uma reflexão na sala de aula sobre a questão da venda informal e forma de produtos.

Essa situação promoveria um processo de problematização da vida financeira pessoal e coletiva, visando compreender e analisar criticamente, através da venda de água, o mundo financeiro com suas implicações sociais e políticas (Mazzi & Baroni, 2021). Isso se alinha à perspectiva de transformação dos mecanismos de dependência econômica e desigualdade social, conforme discutido por Baroni (2021).

5 Considerações

Este texto visou analisar as percepções sobre Educação Financeira (EF) em uma turma do Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA)/Campo Limpo, localizado na Zona Sul da cidade de São Paulo. Para isso, foram descritos os momentos de uma atividade realizada em uma turma da ELA, que abrange as disciplinas de Matemática e Arte, e que segue a abordagem da EMPJAI.

Os movimentos do Valter na busca por "ganhar um troco", chamam a atenção em uma sociedade que é marcada por uma desigualdade social intensa, pois quando o evento Lollapaloza aparece no diálogo, não conseguimos identificar a apreciação do festival internacional de música por parte do educando da EPJAI, mas sim uma alternativa para o ganho de dinheiro, para a busca de uma renda, para o exercício de um trabalho. Aqui, percebe-se como a desigualdade social impacta os indivíduos e influencia as condições de trabalho, como descrito na narrativa do Valter, destacando a importância da EF no processo de tomada de decisões e na transição de uma consciência comum para uma consciência crítica em relação às suas finanças e à sociedade.

Outra questão importante deste trabalho é observar que, por meio do tema de EF, a educadora pôde trabalhar com conteúdos matemáticos, como números fracionários e suas

formas decimais e percentuais. Na perspectiva EMPJAI, o diálogo e a escuta possibilitaram a criação de um ambiente de aprendizagem no qual os conhecimentos dos educandos puderam ser discutidos e trabalhados na sala de aula. Eles puderam compartilhar como fazem no seu dia a dia, em suas labutas diárias, e como conseguem resolver os problemas que lhes são apresentados.

Nesse contexto, a EF desempenhou um papel importante ao discutir uma questão relacionada a uma temática vivenciada pelo educando em sua vida profissional, no mundo do trabalho, oportunizando que os indivíduos pudessem, de forma consciente, compreender as decisões que haviam tomado. Além disso, a temática possibilitou auxiliar o desenvolvimento crítico do estudante, permitindo que ele compreendesse os valores, bem como as questões sociais, enquanto pessoa que vive na sociedade.

6 Referências

- Baroni, A. K. C. (2021). *Educação Financeira no contexto da Educação Matemática: possibilidades para a formação inicial do professor*. Tese de Doutorado em Educação Matemática, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, SP.
- Do Brasil, S. F. (1988). Constituição da república federativa do Brasil. *Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico*.
- Brasil. (1996). Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 1996.
- Brasil. (2002). *Proposta curricular para a Educação de Jovens e Adultos: segundo segmento do ensino fundamental – 5ª a 8ª série* (Vol. 3). Brasília: Ministério da Educação e Cultura (MEC)/Secretaria de Educação Fundamental (SEF).
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2005). Introduction: The discipline and the practice of qualitative research. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (3rd ed., pp. 1-32). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Fonseca, M. C. F. R. (2012). *Educação Matemática de Jovens e Adultos: Especificidades, desafios e contribuições* (3a ed.). Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Freire, P. (2000). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (2014). *Educação e mudança*. (L. L. Martins, Trad.). 36a ed. rev. e atual. São Paulo: Paz e Terra.
- Hartmann, A. L. B. (2021). *A Educação Financeira nos cursos de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual Paulista – UNESP*. Dissertação de Mestrado em Educação Matemática, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, SP.
- Lima, A. S. & Mazzi, L. C. (2021). Salário-mínimo, orçamento pessoal, sobrevivência e dignidade. In: BARONI et al., Editora Appris, 2021, p. 97 – 115
- Mazzi, L. C. & Baroni, A. K. C. (2021). Diálogos possíveis entre Educação Financeira e a educação matemática crítica. In: BARONI et al. *Uma abordagem crítica da educação financeira na formação do professor de matemática*, Editora Appris, p. 37 – 53.
- Oliveira, S. A. Z. P., & Almeida, M. L. P. (2009). Educação para o mercado de trabalho x educação para o mundo do trabalho: impasses e contradições. *Revista Espaço Pedagógico*, 16(2), 155-167.
- Silva, A. M., & Powell, A. B. (2013). Um programa de Educação Financeira para a Matemática



Escolar da Educação Básica. In: *Anais do XI Encontro Nacional de Educação Matemática* (pp. 1-17). Curitiba, PR.

Silva, G. J. N. da, & Silva, J. N. D. da. (2024). Educação Financeira: um olhar para a abordagem matemática na EPJAI. *Revista Internacional de Pesquisa em Educação Matemática*, 14(2), 1-17.

Silva, J. N. D. (2020). *Tecnologias Digitais na Educação Matemática com Jovens e Adultos: um olhar para o CIEJA/Campo Limpo*. Tese de Doutorado em Educação Matemática, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, SP.